

DIVERSÃO EM AULA DE LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE INGLÊS ATRAVÉS DE OFICINAS INTERATIVAS

Marcelo Camilo Bezerra dos Santos¹
Maria Gabrielle Araujo Silva²
Zilda Carolina da Silva Albuquerque³
Tatiana dos Santos Xavier⁴
Leônidas José da Silva Junior⁵

INTRODUÇÃO

O ensino de língua estrangeira (LE) no Brasil apresenta grandes índices de desmotivação, seja por parte dos professores, seja por parte dos alunos. Nesse contexto, ainda pode ser considerado um ensino com muitas dificuldades, pois estão envolvidas questões que afetam o desempenho do ensino/aprendizagem, tais como as infraestruturas das escolas, professores desqualificados e despreparados, juntamente com pouco uso dos recursos metodológicos adequados. Uma vez identificadas algumas das questões que nos trazem à tona a desmotivação em sala de aula de língua inglesa (L2), o presente resumo expandido desenvolve-se como síntese de exposição de resultados de um projeto desenvolvido na escola pública Odilon Nelson Dantas no programa Residência Pedagógica (CAPES) e tem como tema a discussão dos motivos que levam às desmotivações no ensino e aprendizagem da língua inglesa, além de apresentar propostas de intervenções desenvolvidas na instituição, nas quais buscamos possibilitar e desenvolver novas práticas pedagógicas que facilitassem o aprendizado da segunda língua através de jogos, oficinas e uso de músicas.

Sob essa perspectiva, a atividade de atuar em sala de aula é essencial durante a trajetória da universidade para que o graduando desenvolva a organização didática e os saberes pedagógicos através das experiências no ambiente da educação, pois trata-se de uma atividade que embarca alunos e professores, levando o fortalecimento da teoria e da prática. Dada a relevância desta atividade e se se entende que o trabalho de desenvolver um projeto pedagógico é relevante, podemos inferir que para as licenciaturas ela é indispensável.

Diante do exposto, a desmotivação que foi encontrada nas salas de aulas, pode ser considerada um dos piores fatores para a dificuldade de se aprender inglês como aponta Richard Schütz (2003) ao dizer que: “O contato intercultural mostra ao aprendiz a funcionalidade da língua e leva-o a se identificar com a cultura estrangeira e a desejar integrar-se a ela, produzindo, como consequência, o desejo de imitar, de pensar e falar igual”, em outras palavras, corrigindo essa desmotivação por uma vontade de aprender, poderia apontar uma melhoria nas aulas de L2.

Através desses levantamentos, a proposta do projeto desenvolveu-se em torno da grande questão que permeia as aulas de língua estrangeira, especificamente as de língua inglesa: qual a melhor forma de se ensinar e aprender inglês? E, juntamente as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeiras (PCN-LE) que colocam: “[...] além das

¹ Graduando do curso de Letras Inglês da Universidade estadual da Paraíba – PB, marceloketch8@hotmail.com;

² Graduando pelo Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - PB, gabrielletvd@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – PB, caro1.emanuel2014@hotmail.com;

⁴ Graduando pelo Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – PB, tatianaxavier606@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutor em Linguística, Universidade Federal da Paraíba - PB, leonidas.silvarjr@gmail.com

capacidades cognitivas, éticas, estéticas, motoras e de inserção e atuação social devem também ser levadas em conta as afetivas. É preciso lembrar que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma atividade emocional e não apenas intelectual. O aluno é um ser cognitivo, afetivo, emotivo e criativo” (BRASIL, 1998, p. 66), assim buscamos desenvolver atividades, dinâmicas e competições que descomplicassem o ensino e aprendizado de inglês nas salas de aulas do 6º e 9º ano. Portanto, uma tentativa de trazer e desenvolver as aulas de língua inglesa de forma mais interativa e dinâmica, ao mesmo tempo que, incrementava a cultura e o conhecimento da segunda língua para os alunos do Ensino Fundamental II.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Uma vez que as aulas eram ministradas no 6º ano e 9º do ensino fundamental, nossa proposta metodológica se constituiu numa abordagem Interacionista e Behaviorista, buscando uma interação entre os alunos com si mesmo, bem como uma interação plena com a língua inglesa através de diferentes formas de estímulos e respostas na aprendizagem. Para tanto, primeiramente limitou-se com a busca do embasamento teórico para criar as orientações das metodologias adequadas.

Nos aprofundando, agora, no uso de instrumentos, os nossos materiais se constituíram através de Banners voltados ao conteúdo das aulas, do uso de imagens e desenhos para exposições; além do projetor e de slides para as explicações dos conteúdos. Para nosso desenvolvimento, próximo tópico, o foco será a diversidade de recursos atrativos que foram usados para intensificar os temas e os conteúdos das aulas ministradas no 6º ano.

No que diz respeito a metodologia usada no 9º ano, os instrumentos limitaram-se à práticas pedagógicas voltadas para o uso de recursos de áudio, tais como: músicas, o uso de pequenos diálogos, a cultura através das artes, dando enfoque no desenvolvimento e no interesse dos alunos em aprender a se comunicar em inglês, introduzindo a cultura da LE, levando em consideração o conhecimento da língua materna. Além disso, foi feito uso de alguns recursos mais comuns como: quadro negro, lápis para quadro, slides, cartazes, canções, tirinhas de papéis, material impresso e caixa de som e áudios.

Assim sendo, e, levando em conta que o projeto se deu através de uma oficina contínua, a proposta do projeto pretendeu desenvolver o máximo possível de competições e jogos como meio de ensino e aprendizado, bem como processos avaliativos nas correções de atividades e exercícios, além, claro, de propor uma mudança nas práticas de ensino de uma segunda língua.

DESENVOLVIMENTO

Com base no que foi exposto até agora, segue abaixo a dissertação de todo o desenvolvimento do projeto, desde sua elaboração à pesquisa do tema, do embasamento teórico, dos diálogos entre autores, bem como a execução das atividades e seu retorno de resultados diante dos objetivos propostos.

Assim, o objetivo da oficina “*Descomplicando o inglês: dinâmicas e atividades em língua inglesa através de jogos e competições*” desenvolveu-se através de dinâmicas interacionais e jogos de competição em sala de aula de língua inglesa do 6º ano. Teve como ponto de partida o uso dos conteúdos e da ministração das aulas sob uma perspectiva diferente, como jogos, brincadeiras, competições, interações e disputas. Junto a isso, a meta geral da oficina também foi o de desenvolver e criar um ambiente divertido, interativo e sociocultural com a língua alvo (TL), buscando uma proposta de ensino diferente para as aulas de língua inglesa. E seus os objetivos específicos se formaram da seguinte forma:

- i) Propor dinâmicas e atividades dos conteúdos de forma lúdicas através de imagens, jogos, banners, competições, etc.;
- ii) Desenvolver uma metodologia/prática de ensino mais interativa e eficiente que faça uso da língua inglesa em seu meio de comunicação e uso, proporcionando maior participação dos alunos com os fatores extralinguísticos;
- iii) Busca reconhecer o aprendizado de língua inglesa como uma ferramenta, tanto para uso profissional como para um poderoso meio de expressão de comunicação e troca de conhecimentos neste mundo globalizado. (M. Montrezor/B. da Silva, 2009).

A partir dessas orientações, foi perceptível durante as primeiras aulas, a desmotivação dos alunos perante as atividades propostas, entretanto, em vários momentos demonstraram obter nem que seja limitado um conhecimento da língua. Essa determinada ausência de interesse para adquirir a LE se manifesta também pela metodologia proposta pelo professor em sala, onde inúmeros ainda insistem na utilização das práticas tradicionais de ensino. Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; [...] A formação do professor, por sua vez, se dará pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar [...] Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação docente apenas a um fazer que será bem-sucedido quanto mais se aproximar dos modelos observados. Por isso, gera o conformismo, é conservadora em hábitos, ideias, valores, comportamentos pessoais e sociais legitimados pela cultura institucional dominante. (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 36).

Sendo assim, acabam por permanecer ensinando o uso excessivo da gramática, sem a renovação dos métodos e materiais aplicados, mantendo-se recluso ao uso do quadro e do livro didático e, conseqüentemente, finda por ocasionar um desinteresse conjunto de todo o alunato. Infelizmente, o desentusiasmo dos estudantes não é individual ou de alguma turma específica, e sim, opera de forma conjunta entre ambas as classes. Nesse caso, tanto o 6º quanto o 9º ano, passam pelos mesmos problemas de desinteresse para obter a aquisição da língua estrangeira (L2), já que os mecanismos usados não surtiram efeito. Além disso, o uso de temas transversais no decorrer das aulas ainda é muito escasso entre os docentes, sendo esse o método que se encontra em vigor no PCN. “Nos Parâmetros Curriculares Nacionais [...] os objetivos da disciplina de LE são apresentados com base no princípio da transversalidade, sugerindo uma abordagem sociointeracionista” (MALVEZZI, 2013, p. 16290).

Nesse caso, torna-se indispensável a abordagem de concepções sobre cultura, para que assim, seja possível adquirir um conhecimento genuíno da língua, “[...] é importante que o aluno e professor tenham consciência de que para se aprender uma nova língua, é necessária a compreensão de alguns aspectos sociais e culturais dos falantes nativos desta” (MONTREZOR, SILVA, 2009, p. 28). Desse modo, além de adquirirem a consciência das distintas culturas existentes, também podem obter o conhecimento da linguagem.

A partir disso, foi elaborada uma oficina com o alunato de ambas as salas. Com a aplicação da oficina, pôde-se alcançar maior interesse por parte das duas turmas, além de abrir a oportunidade dos professores fazerem uso do método sociointeracionista, que igualmente à oficina, possuía o intuito de realizar uma interação tanto aluno/aluno quanto aluno/professor e, conseqüentemente, findou por abordar temas transversais de maneira dinâmica e interativa. Saindo da comodidade de procedimentos tradicionais, que foi instalada silenciosamente entre os professores e abordando temas que remetem a reflexão e o diálogo.

Por outro lado, o do desenvolvimento na prática, foram elaboradas duas atividades para o 6º ano, ambas com conteúdo e temas distintos: sendo a aplicação do “Countries and Nationalities” e “Members of the Family”. Para recursos metodológicos, foram feitos usos de

bandeiras e um sorteio de tirinhas para o primeiro conteúdo. Assim o objetivo era um jogo onde os estudantes tinham que juntar de forma lógica as nacionalidades que estavam escritas no papel com a bandeira de cada país, competindo com os colegas de sala para quem acertava mais em menos tempo.

Em relação a descrição do segundo conteúdo, “Members of the Family”, a dinâmica foi através da teoria do *Behaviorismo*, a qual defende que para todo estímulo exista uma reação, sendo ela positiva ou negativa. Partindo desse conceito de Skinner (1957), que defende que se a reação ao que foi pedido for boa ou adequada, há de haver uma recompensa que fortaleça o interesse e o estímulo dos alunos durante o processo de aprendizado da L2, foi exposta uma elaborada árvore genealógica dos membros de uma família através de banners e exemplos no quadro, logo em seguida, foi pedido para que os alunos tirassem um pequeno pedaço de papel, no qual havia a formação de uma determinada família. Logo após, eles deveriam consultar a caixa de papel onde haviam inúmeras imagens de membros de famílias, sendo necessário montar de acordo como o modelo na tirinha exigia.

No que diz respeito a aplicação dos objetivos da oficina no 9º ano, a dinâmica foi desenvolvida pelas professoras que deram espaço para que os alunos descobrissem e discutissem suas necessidades e refletissem acerca da importância delas para as elaborações das aulas, como defende Rogério Tílio ao dizer:

Não se trata de sair da escola fluente no idioma (da mesma forma como ninguém sai da escola historiador, biólogo, matemático etc.), mas com conhecimentos mínimos de compreensão e produção linguística: capaz de ler pequenos textos, escrever pequenos parágrafos, entender e participar de pequenos diálogos. Não me parece uma tarefa impossível levando-se em consideração sete anos de estudo da língua (TÍLIO, 2014, p. 927).

Dessa citação, compreendemos então a importância de que eles notassem as inúmeras vantagens de uma segunda língua para a expansão dos conhecimentos. Em segundo momento, foram feitas perguntas do tipo: “Qual a importância da língua inglesa em sua vida?”, “Qual a necessidade de aprender a língua inglesa?” ou “De que maneira vocês gostariam e aprender uma língua estrangeira?”. Como resultado, as respostas não foram surpreendentes, quase 70% afirmaram que não havia muita importância em aprender a língua, e os outros 20% a 30% relataram a importância da comunicação e interação na sociedade, principalmente em redes sociais. Assim, o motivo desse desinteresse é a indiferença que eles têm com a L2, por esse motivo, o foco no 9º ano foi estimularmos a criatividade dos alunos, levando músicas, canções e pequenos diálogos do cotidiano deles e as associando com sua cultura materna.

Já em relação a prática, foi trabalhada uma atividade na qual músicas eram reproduzidas e, em seguida, eram distribuídas tirinhas com as quais os alunos deveriam colocá-las em ordem correta de acordo com o que eles ouvissem, exercitando assim, as habilidades de *Listening* e *Reading*. O objetivo era reproduzir a música original em inglês e perguntar se eles conheciam determinada faixa ou alguma que fosse familiar e, em seguida, reproduzir a versão feita em português. Conseqüente, a sala foi dividida em grupos, onde cada grupo recebeu tirinhas de músicas completas e, de acordo com o vídeo da música que foi reproduzido, teriam que montar a canção da forma correta. Após a reprodução, vários alunos conseguiram interligar as músicas com suas respectivas versões só em ouvir a versão original, associando-a ligeiramente a versão brasileira da música, determinada canção que faz parte do cotidiano ao qual estão empregados.

Com isso, além de adquirirem um conhecimento cultural, também conseguem estímulos para aprenderem inglês através das habilidades de *listening*, já que eles interagem a todo

momento e se mostraram bastante interessados no tema abordado, saindo do método tradicional ao qual são submetidos, método esse que faz com que esse interesse pela aquisição da língua se esvazie, como explica a citação abaixo:

De acordo com alguns artigos que tratam do ensino de línguas estrangeiras e sua importância na atualidade, um novo idioma só é realmente compreendido a partir do momento em que o aluno passa a entender os conteúdos comunicativos da língua e não somente seus aspectos gramaticais. Ou seja, só realmente tem-se o conhecimento da língua quando se conhece a cultura do povo. (MONTREZOR, SILVA, 2009, p. 31).

A partir dessa citação, entendemos que a aquisição de uma língua sem levar em consideração sua cultura, não teria um resultado desejado, pois uma vez que, ele é inserido no âmbito cultural o aluno se vê na necessidade de aprender a L2 para poder interagir. Essa tendência integrativa da pessoa é o principal fator interno ativador da motivação para muitos de seus atos. Por exemplo, se estivermos em um ambiente caracterizado pela presença de uma língua estrangeira, naturalmente teremos uma forte e imediata motivação para assimilarmos essa ferramenta que nos permite interagir no ambiente, dele participar e nele atuar. Aprender uma língua fora do ambiente de sua cultura seria como aprender a nadar fora d'água. (SCHÜTZ 2003 p. 1)

Portanto, percebemos que o educador ao subsumir a cultura da L2, cria no aluno uma necessidade que o leva a aprender. De acordo com Skinner o aluno deve se sentir estimulado a aprender a LE e o professor é o responsável por criar esse estímulo em seus alunos. O professor, por sua vez, deve criar um ambiente satisfatório e mostrar aos seus alunos que encarar uma nova língua não é apenas aprender sua gramática e, sim, embarcar em um mundo de conhecimentos e descobertas que facilitam a comunicação, interação e desenvolvimento do indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação a tudo que foi exposto até aqui, segue abaixo uma breve discussão acerca dos resultados que foram encontrados através da proposta da oficina. Primeiramente, damos enfoque a uma das mais importantes mudanças que pôde ser observada, cuja está inteiramente relacionada com a mudança de comportamento nas salas de aulas, uma vez que os alunos tinham a noção que os conteúdos agora seriam ministrados de forma totalmente diferente.

Em segundo lugar, damos foco as formas com que os conteúdos foram trabalhados em sala de aula, onde no 6º ano o foco foi atividades através de jogos, brincadeiras e dinâmicas, nos mostrando resultados animadores e satisfatório, no qual foi totalmente perceptível um maior desempenho e interesse em falar, construir, participar e interagir nas aulas. Além dessas contribuições para os alunos, houve também a grande renovação das metodologias e práticas de ensino por parte dos educadores, não só contribuindo para a formação de profissionais competentes, mas também de pesquisadores qualificados.

Ainda expondo os resultados dos objetivos obtidos, temos que descrever os pontos de positivos encontrados no 9º ano, onde foram feito uso do aspecto cultural da música, cuja prática os estimularam a pensar mais à frente das regras gramaticais, focando na vertente cultural da música da LE para a língua portuguesa por meio da intertextualidade, nos mostrando um maior entendimento das questões extralinguísticas por parte dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas atividades, nas intervenções e ações citadas acima, fica aqui exposto as considerações finais das experiências vivenciadas, sendo possível expor a importância da convivência em sala de aula para a formação acadêmica de forma efetiva e com o compromisso de sair da universidade preparado e qualificado não só profissionalmente, mas também pessoalmente para o mercado de trabalho. Uma vez que, a prática e pesquisa de estágio nas escolas têm essas características de ligar o graduando a sua área de trabalho, conectar os discentes aos docentes com trocas de conhecimentos e formas de treinamento para a atuação nas áreas de licenciaturas plenas em letras. Além disso, há uma gigantesca contribuição na compartilhagem do processo de ensino-aprendizagem e a fluência dos conteúdos.

Portanto e, juntamente a isso, a gigantesca contribuição, penetrou também, as relações que se estabelecem, bem como as dificuldades compartilhadas e os desafios que surgem, os quais exercem o papel de preparar para novas experiências em sala e fora de sala de aula e, através disso, desenvolver meios, metas, planos didáticos e aulas que não só contribua para uma educação de qualidade, como também, para a formação de professores fortemente e eficazmente formados para atuar na área escolar, na área de ensino de língua estrangeira e língua inglesa.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa; Desmotivação, Oficinas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros**

Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.

Brasília, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf.

Acesso em: 05 de Outubro de 2019.

MONTREZOR, Bethania Márcia; SILVA, Alexandre Batista da. A dificuldade no

aprendizado da Língua Inglesa. **Cadernos UniFOA**. Volta Redonda, ano IV, n. 10, agosto.

2009. Disponível em: http://www.unifoa.edu.br/portal_pesq/caderno/edicao/10/27.pdf.

Acesso em: 08 de Outubro de 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções, **Revista Poiesis**, São Paulo, v. 3, n. 3 e 4, 2005/2006, p. 5-24.

SCHÜTZ, Ricardo. "Motivação e Desmotivação no Aprendizado de Línguas". In: **English**

Made in Brazil. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>. Acesso em: 08 de

Outubro de 2019.

TILIO, Rogério. Língua estrangeira moderna na Escola Pública: possibilidades e desafios. In:

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 925-944, jul./set. 2014. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 06 de outubro de 2019.